

PROJETO ITAPARICA DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO NOTA PRÉVIA

GABRIELA MARTIN
da Universidade Federal de Pernambuco

ALICE AGUIAR
da Universidade Federal de Pernambuco

A área a ser inundada pela barragem de Itaparica, no rio São Francisco, abrange parte dos municípios de Petrolândia, Floresta, Itacuruba e Belém do São Francisco em Pernambuco, Abaré, Chorrochó, Rodelas e Glória na Bahia.

Foi assinado convênio entre a Companhia Hidroelétrica do São Francisco - CHESF e a Universidade Federal de Pernambuco para, através do Núcleo de Estudos Arqueológicos - NEA, realizar estudos na região, visando o salvamento dos restos arqueológicos. No projeto está incluída a prospecção de ambas as margens do rio São Francisco e das várias ilhas nele existentes. Posteriormente, o convênio foi ampliado para pesquisas paleontológicas que pretendem recuperar os numerosos fósseis animais e vegetais existentes na região. Também um estudo antropológico pretende conhecer o impacto sócio-cultural da construção da barragem entre as comunidades indígenas remanescentes na área e que estão sob a administração da FUNAI e uma pesquisa histórica para o levantamento cartorial dos municípios atingidos pela barragem.

Paralelamente aos trabalhos de campo, a equipe de Arqueologia trabalha em conjunto com membros do Museu Arqueológico da Bahia, na elaboração de uma monografia sobre os materiais da Caverna do Padre, em Petrolândia, escavada por Valentin Calderón (1969), cujos resultados finais nunca foram publicados em virtude do falecimento do citado pesquisador. Os materiais arqueológicos obtidos por Calderón na Caverna do Padre, estão depositados no Museu Arqueológico da Bahia, em Salvador.

A área em torno da cachoeira de Itaparica já fora percorrida por Carlos Estevão Pinto, em 1937, realizando as primeiras pesqui-

sas na Caverna do Padre, onde encontrou restos humanos dos enterramentos indígenas da última ocupação. Carlos Estevão permaneceu vários meses na região e seu nome é ainda lembrado por muitos dos habitantes, especialmente no povoado de Tapera, na Bahia, onde ficou hospedado. Posteriormente, Valentin Calderón realizou a escavação estratigráfica da Caverna do Padre.

A partir de 1981, começamos prospecções na área para realizar a carta arqueológica da região que será inundada e nas que evidenciamos os seguintes vestígios arqueológicos:

Gravuras rupestres

No Município de Petrolândia, perto da parte urbana, existem com o nome de "pedras de letreiros", numerosas gravuras indígenas, realizadas no arenito da beira do rio São Francisco e que se estendem por mais de 300 metros ao longo do rio. Os desenhos pertencem à tradição "Itacoatiara" e representam grafismos abstratos, alguns deles semelhantes aos da Pedra do Ingá, na Paraíba (Martin, 1975), com algumas figuras antropomorfas e zoomorfas. Como se trata de gravuras que deverão ser definitivamente cobertas pelas águas depois da construção da barragem, decidimos recuperar algumas amostras, no que contamos com a ajuda dos técnicos da CHESF. Selecionamos um pequeno mostruário com os desenhos mais significativos, sendo cortadas pedras de 1.00 m a 1.50 m aproximadamente. Dessa forma, pela primeira vez, gravuras rupestres tão abundantes nos cursos d'água de todo o Brasil, serão conservadas em um Museu.

Que a tradição "Itacoatiara" está associada ao culto das águas não existe nenhuma dúvida, entretanto alguns grafismos nos lembram cultos de tipo cosmogônico ligado às forças da natureza e ao firmamento. Além dessas possíveis interpretações, em que o fator subjetivo da nossa cultura não pode ser olvidado, pouco se pode dizer sobre esta tradição, pois os locais onde a tradição "Itacoatiara" aparece, não permite escavações arqueológicas, nem de associação das mesmas a alguma cultura material pré-histórica (A. Aguiar, 1982).

Pinturas rupestres

Nos Municípios de Petrolândia e Floresta (PE) e Quixaba (BA), temos assinaladas pinturas rupestres em tinta vermelha da tradição "Agreste" cujas características principais são:

- grafismos de grande tamanho, sejam eles de composição ou puros;

- grafismos de ação são raros, e quando existem, representam cenas isoladas com um ou dois indivíduos ou animais;
- grafismos puros simples ou muito elaborados (dependendo dos estilos) acompanham os zoomorfos e antropomorfos equilibrados ou com ligeira predominância dos últimos;
- representação de um antropomorfo; as vezes de grande tamanho, de desenho grotesco;
- emas e quelônios, estáticos, sem nenhuma sensação de movimento;
- figuras de pássaros de asas abertas e longas penas, alguns com tendência ao antropomorfismo.

O número de sítios estudados não nos permite determinar um estilo para essa região, porém é o estilo "Cariris Velhos", o que mais se aproxima (A. Aguiar, 1982).

Cavernas e abrigos

Com exceção da Caverna do Padre, situada num serrote defronte à cachoeira de Itaparica, os numerosos abrigos pesquisados nas serras do município de Petrolândia, resultaram estéreis, o que nos demonstra que não houve ocupação nos lugares afastados do rio. Os achados têm sido mais abundante em sítios líticos e cerâmicos abertos e à beira do rio.

A tradição "Itaparica" e a Caverna do Padre

A indústria lítica denominada por Calderón de tradição "Itaparica", foi detectada pela primeira vez nas escavações da Caverna do Padre e consiste em lascas e pré-pontas unifaces em quartzito e sílex, muito características. Testes de C_{14} obtiveram datação de 5630 ± 440 a.C. (Calderón 1969), para as camadas mais antigas da caverna. Posteriormente, Laroche (1980), identificou lascas semelhantes em Bom Jardim (PE), que incluiu na mesma tradição, obtendo datações pelo C_{14} de 11.000 anos. Achamos, também, lascas sobre seixos, da mesma tradição em sítios abertos na beira do rio, em Icó, no município de Petrolândia.

Uma monografia completa dos materiais da Caverna do Padre e da tradição "Itaparica" em geral, está sendo preparada em co-autoria por Wesley Hurt, Gabriela Martin, Iara Dulce Bandeira de Athaide e Jacionira Rocha.

Para Wesley Hurt a tradição "Itaparica" deverá ser considerada

uma fase de uma tradição ainda por definir, já que o termo "tradição" abrangeria uma área muito maior.

A fase Itaparica, segundo Hurt, teria como características:

- período compreendido entre 11.000 e 2.000 B.P.;
- lascas unifaces, com algumas bifaces em pequena quantidade;
- a economia principal dos grupos "Itaparica" seria a caça;
- pré-pontas de projétil e lesmas foram identificadas na sub-tradição Bom Jardim e Paranaíba. Na Caverna do Padre, também foi encontrada uma ponta de projétil tosca com tentativa de pedúnculo.

O estudo dos materiais procedentes das escavações na Caverna do Padre e dos diários de campo de Calderón, nos mostram três horizontes culturais de ocupação:

- um muito antigo de material lítico importado, sílex principalmente, com lascas unifaciais que lembram lascas de Folsom, segundo Hurt e que poderíamos chamar Pré-Itaparica.

- o horizonte Itaparica, que assinala o período de maior ocupação do abrigo, com as clássicas lascas unifaciais que determinam a fase Itaparica, com preparação numa única face e a outra obtida por uma única percussão.

- uma ocupação final da caverna, numa fase cerâmica na que o abrigo foi utilizado como necrópole.

A equivalência etnológica em Arqueologia. A cerâmica dos Pankararu

Das comunidades indígenas que restam em Pernambuco (Cerqueira, 1982), sob a proteção da FUNAI, três estão assentadas em áreas próximas a Itaparica e de alguma forma sentirão a mudança que a construção da barragem está produzindo na região*. São os Pankararu, no Brejo dos Padres, entre Petrolândia e Tacaratu, os Atikum em Floresta e os Truká na Ilha de Assunção, no rio São Francisco, todos eles muito aculturados e misturados racialmente.

Dentro do ponto de vista arqueológico, são os Pankararu os mais interessantes, porque ainda fabricam cerâmica com técnica completa-

* Uma monografia sobre esses grupos está sendo elaborada pela Professora Judith Hoffnagel.

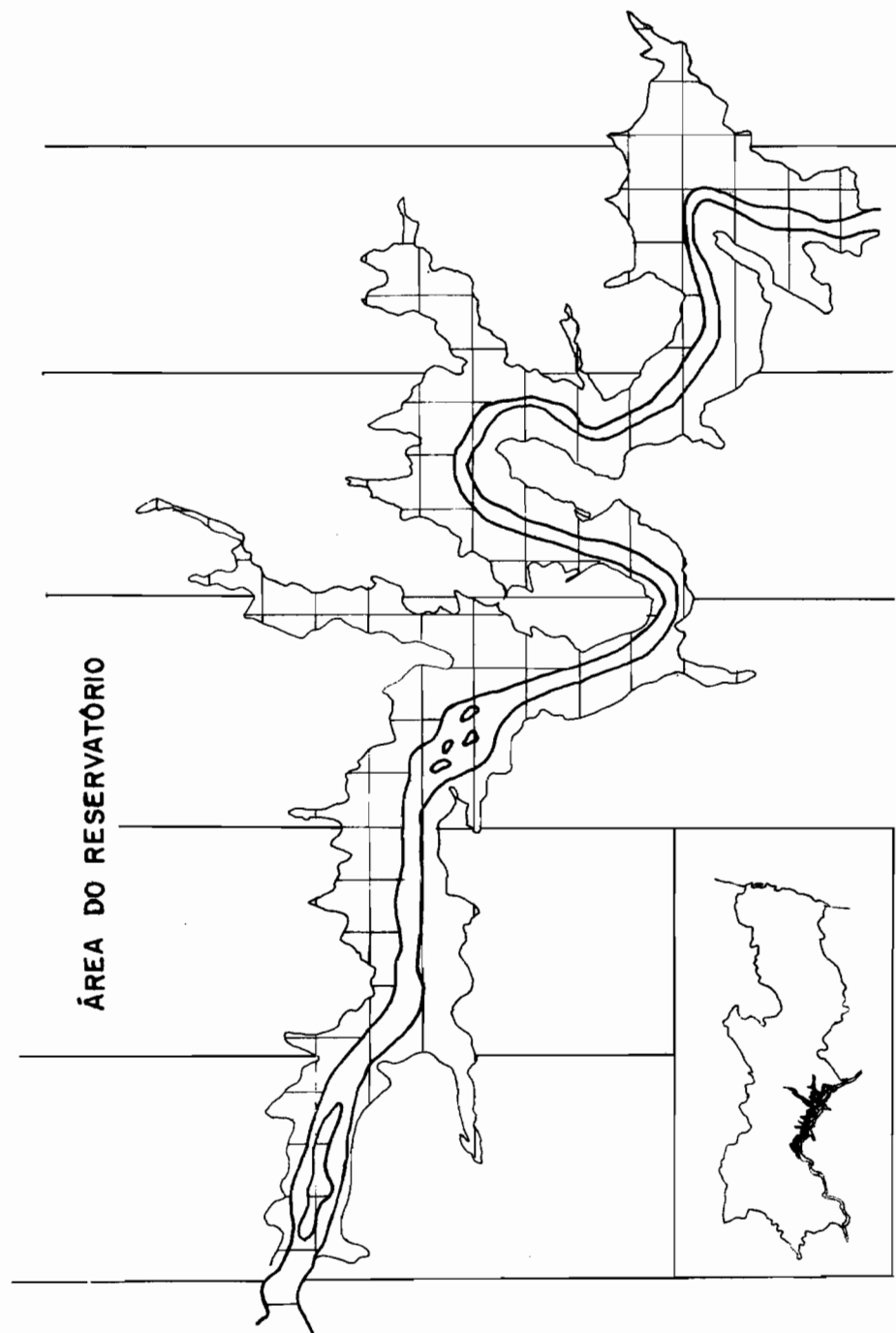
mente primitiva, como deveria ser fabricada há 2.000 anos, sem que nenhum objeto ou material moderno entre na sua fabricação. Apenas têm adotado algumas formas intrusivas como o cuscuzeiro, que é de origem africana.

Seis mulheres da aldeia fabricam cerâmica porém, somente duas, têm na cerâmica seu meio de subsistência. A técnica de fabricação é por acordelamento sobre uma base feita por pressão. Um dado interessante é que não utilizam nenhum tipo de tempero. A argila que é apanhada nas serras próximas à aldeia, assim como a "pedra de pintar", apresenta grânulos de quartzito que servem como tempero natural.

Uma fornada, que documentamos desde o princípio com filmes e fotografias, teve todas as peças inteiras, sem que nenhuma apresentasse rachaduras. O alisamento das peças é feito com um pedaço de couro ou um sabugo de milho e decoradas singelamente com traços que imitam flores, folhas ou simples semi-círculos, nas cores branca e vermelha. Para o branco utilizam caulim que aflora abundantemente entre as rochas areníticas da "Serra do Giz". A tinta vermelha é minério de ferro e ocre que chamam Tauã. As peças já modeladas manualmente secam na sombra durante um dia, em seguida são pintadas e cozidas em forno aberto de lenha. A falta de lenha por perto faz com que as índias tenham de caminharem até longe para encontrá-la, uma das partes mais cansativas do trabalho.

Colocadas as peças no forno, são cobertas com cacos quebrados de cerâmica e cozidas durante umas três horas, com fogo brando, finalmente o fogo é avivado até formar labaredas. Com o forno apagado, porém, ainda fumegante, os cacos pretos de fuligem são retirados e surgem 3.000 anos de tradição ceramista na forma de potes e alguidares bem cozidos, de argila clara avermelhada, com as cores vivas da singela decoração.

ÁREA DO RESERVATÓRIO



BIBLIOGRAFIA

Aguiar, Alice.

- 1982 Tradição e estilos na arte rupestre no Nordeste Brasileiro. CLIO. Revista do Curso de Mestrado em História nº 05. Recife. 1982.

Calderón, Valentin.

- 1969 Nota prévia sobre Arqueologia das regiões Central e Sudoeste do Estado da Bahia. PRONAPA nº 02. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1969.

Cerqueira, Maria dos Milagres L., Sâ, Aderbal B.G. de.

- 1982 As comunidades indígenas de Pernambuco. CLIO. Revista do Curso de Mestrado em História nº 05. Recife. 1982.

Laroche, A.F.G.

- 1980 Um sítio Epipaleolítico Microlítico do Nordeste Brasileiro? Chã do Caboclo. 10. Pernambuco. F.J.N.P.S. Recife, 1980.

Martin, Gabriela

- 1975 Estudos para uma desmistificação dos petroglifos brasileiros: A pedra do Ingá na Paraíba. Revista de História. São Paulo. 1975.